

A formação em psicanálise é um nó de ao menos 4 elos.

Texto de desanolamento do Cartel de Direção e Formação da APC.

Jornada de Carência 2023

Andrea Silvana Rossi

Do que diz respeito a formação, sempre é possível rabiscar algumas linhas a mais, acrescentar uma letra, uma vírgula, o que denuncia que não está tudo dito ou escrito. Ainda, tenho pensado a formação do psicanalista como a escrita de um percurso de cada analista, mas **enlaçado a outros**.

O analista através de seu discurso e do seu ato produz escrita, ao menos **duas escritas**: uma nova escrita do analisando, na análise em intensão, e a escrita do seu lugar de analista, na análise em extensão. Esta ideia decorre da afirmativa do Lacan, no seminário RSI, onde fala que “Um psicanalista é ao menos dois” e complementa: “Que a psicanálise além de produzir efeitos os teorize”. (Sem 22, RSI, 10/12/74)

Teorizar os efeitos da psicanálise é articular o rigor conceitual a experiência clínica e ao lugar do analista na transferência. Ou seja, não é possível avançar teoricamente sem a dupla divã-poltrona, ocupando esses lugares e refletindo sobre eles. Ao construir teoria um analista sabe que não existem enunciados completamente desprovidos de ambigüidades, nem saberes puramente objetivos ou totalitários. Todo saber detém a marca singular do sujeito que o enuncia. Por isso apropriar-se do saber implica em **lhe acrescentar algo de si**. Quando um analista teoriza os efeitos da clínica, do seu lugar de analista e de analisante realiza uma construção que enlaça o conceito a verdade.

Trata-se de produzir um saber que surpreende porque não se dá exclusivamente pela via da reprodução, da repetição, copia ou colagem. Se algo do analista não aparecer no seu escrito temos apenas uma repetição do que já existe, um agrupamento de ideias que poderia, inclusive, ser realizado por uma inteligência artificial.

Portanto, produzir uma nova escrita implica em deslocar a ênfase do saber ao **desejo de saber**, pois o valor não está apenas no conteúdo/ conhecimento, mas nas vias de acesso a ele. Assim, o saber sai do lugar de fetiche e passa a ocupar o lugar de algo que busca ser alcançado, portanto inapreensível. A psicanálise se não se insere no inefável (inarrável, indizível, indescritível) desliza para um sentido único se afastando do seu fundamento.

Isso que é da essência da psicanálise faz com que a postura e/ ou intervenções psicanalíticas, na intensão e na extensão, provoquem a curiosidade e o entusiasmo por buscar respostas. Um analista é curioso, um eterno pesquisador, procura o saber porque o ignora, ou seja, alimenta o desejo na **paixão pela ignorância**. (Lacan, 1954, p. 309).

Muitas ofertas de formação disponíveis no mercado hoje e a busca de regulamentação da psicanálise distorcem isso que é essencial. As instituições freudiano-lacanianas vem denunciando e se posicionando contrarias a normatização da formação do psicanalista que vem sofrendo com a apropriação indébita de grupos universitários e religiosos. Desde Freud (1926) sabemos que a **análise é leiga**, dissociada de um curso de graduação específico assim como do estado e da religião.

O tripé da formação - composto por análise, prática clínica supervisionada e estudo teórico - utilizado como referência nas escolas freudiano-lacanianas constitui um caminho para a formação que é permanente, mas ele não pode ser engessado num conjunto fechado de regras em que se delimitaria a frequência e duração da análise ou supervisão ou mesmo com quem realiza-los.

Deste modo, não se formam psicanalistas em nenhum curso de graduação, pós graduação, mestrado ou doutorado. O meio acadêmico leva a aprofundar conhecimentos conceituais da psicanálise, o que não pode ser confundido com a formação do psicanalista. O estudo teórico vinculado a estes espaços que primam por regras e pelo discurso erudito distancia-se da apreensão dos conceitos e da transmissão da psicanálise que desde a origem (com Freud e Lacan) flerta com a literatura, a arte e a poesia. Destaco, especialmente, a pobreza poética nas produções acadêmicas, que valorizam excessivamente a explicação, o enunciado em detrimento das metáforas, da enunciação e das ambiguidades do discurso. Estas últimas, sabemos, são as vias facilitadoras para aceder ao inconsciente.

Ainda, se o tripé da formação for tomado como um imperativo ou uma indicação que deve ser cumprida, também perde o seu propósito, a sua lógica. Um analista em formação se analisa, estuda e faz supervisões movido pelo seu desejo e não porque uma regra o determina.

Criar uma universidade de psicanálise, que enumera regras para se tornar psicanalista e ao final do percurso entrega um diploma ou certificado de psicanalista não tem nada de psicanalítico. A obtenção de um título configura ter atingido o objetivo, o fechamento de um ciclo, traz o alívio de alcançar o fim, acomoda, aprisiona, freia o **movimento**. É exatamente o contrário da ideia de formação permanente movida pela

paixão da ignorância, da qual também decorrem a **paixão pela escuta e pela fala**. Enfim, se não agitar as pulsões de vida não é psicanálise.

Vale lembrar que as paixões fundamentais destacadas por Lacan no seu primeiro seminário são três: **Amor, ódio e ignorância**. E se apresentam nos laços com os outros, entrelaçadas. O amor de transferência viabiliza a fala e a posição de analisante, mas o seu contraponto habitual deve ser evocado. No Seminário 20 Lacan almejava: **“Que me leiam como meus maiores críticos”**. Pois é na des-suposição do saber que se pode ler melhor o outro e transmitir o "real em jogo na própria formação do psicanalista". (Lacan, 1967, p. 249). Desse modo, o ódio decorrente das tensões pode se transformar em paixão pela ignorância ou fúria criativa.

O desafio da psicanálise e das instituições ou escolas de psicanálise é como não excluir as paixões e não forcluir o sujeito do inconsciente, mas permitir que ele apareça dividido, como nas formações do inconsciente. Para destacar a importância disso, Lacan chega a dizer, ironicamente, “que nunca falou de formação analítica, e sim de formações do inconsciente” (LACAN, 1975, p.186).

Então, o analista produz escrita, mas é sempre **Uma** escrita que não termina de se escrever, pois é constantemente lapidada no encontro com outros analistas. Afinal, um analista **“Só se autoriza de si mesmo e por alguns outros”** (Lacan, 1974, p. 96). Em 1974 quando Lacan complementa a segunda parte da frase, por alguns outros, - pouco citada pelas propostas de normatização e regulamentação da psicanálise - está preocupado com que a nomeação não se torne um ato solitário, de auto proclamação, ele afirma “Isso não quer dizer que ele esteja sozinho para decidi-lo”. É junto com esses outros psicanalistas, através desses outros, dando testemunho da sua análise, do seu estudo e da sua clínica.

Outros que testemunham seu percurso, que questionam, discordam, constroem junto, compartilham a transmissão. Portanto, aos 3 da formação proponho acrescentar mais um: os outros. Trata-se de pensar a formação borromeamente, como um nó de 4 elos, sendo que o 4º elo, composto por alguns outros, realizaria a costura e manteria os três da formação enlaçados. Proponho pensar a formação em psicanálise como um nó de ao menos 4 elos.

Sem esse 4º elo - o grupo de psicanalistas, a escola ou instituição de psicanálise - o tripé da formação arrisca permanecer nos **dualismos** (analisando-analista, analista-supervisor, analista-estudo/texto), na especularidade e nas construções imaginárias. Lacan afirma que o psicanalista “transmite para que a **psicanálise não se transforme num autismo de a dois.**” (Sem, L’insu, 24, 10/4/77)

Esse é o risco de um psicanalista que não “faz escola”, o de permanecer nas **dualidades** ou entre pares. Trata-se de analistas que investem no tripé a sós ou em pequenos grupos de íntimos, amigos ou colegas de consultório. Seguem o tripé mas no conforto da intimidade, dos pares. Nesses casos há o estudo, há supervisão e análise, mas não existe o momento que é tão necessário, tenso e até incomodo de falar a um público maior, expor suas ideias e construções esculpidas no tripé com pares e ímpares.

Fazer escola é, principalmente, investir no trabalho de Cartel, via regia da formação. Nesse, os analistas começam a se reunir e estudar num pequeno grupo sabendo, desde o início, que tem data para terminar, que depois de um ou dois anos não seguirão juntos, o grupo irá se desenlaçar e as suas produções (texto e apresentação) serão pessoais, autorais, inéditas. A proposta de cartel quebra a ilusão de um discurso comum ou de coletividade e força a construção de novos agrupamentos, retirando do conforto da intimidade, dos amigos, das alianças e repetições.

Então, proponho pensar a instituição ou escola também como o **terceiro elemento** que quebra a ilusão de complementaridade. O terceiro que provoca **tensão**, desacomoda, cria movimento porque não exclui o ódio e a ignorância.

A escola, enquanto esse quarto elo, também pode ocupar a função de objeto a enquanto **causa de desejo**. Nesse caso, a função da instituição não é apenas testemunhar um percurso, mas também causar **movimento**. A função dos outros da instituição seria insistir na pergunta: **o que queres?** E não na busca de respostas para: quem você é? Essa também é a pergunta que não para de insistir numa análise, diferente da busca filosófica, ser ou não ser, uma análise interroga sobre o desejo, então a pergunta não é “quem você é” mas “**o que você deseja?**” Trata-se de construir respostas, **um saber** (Não O saber), para essa pergunta constantemente atualizada. Não se trata de repetir o Socrático “só sei que nada sei”, pois um psicanalista **sabe que algo sabe**, e que esse saber possível só é alcançado através da escuta do inconsciente.

A pergunta: “Que queres?” Desloca a questão da identidade em direção ao desejo, ser ou não ser psicanalista interessa menos do que o **desejo pela psicanálise**. Este último sendo o responsável por produzir a insistência na **formação permanente**, ou seja, na análise, na clínica, no estudo e no encontro com outros analistas.

Alain Didier-Weill (1997) ao refletir sobre o dispositivo do passe, afirma que é necessário o cuidado para que a busca pela nomeação, ser AE (analista da escola), não se sobreponha à experiência de falar sobre o seu fim de análise para construir **um saber** sobre ele. Ainda, propõe um dispositivo que visse simbolizar a experiência da análise e do fim da análise, mas que não culmine com a nomeação.

Nos encontros entre psicanalistas observamos que o **movimento** é contínuo, as propostas de atividades e caminhos para a formação vão se transformando, são frequentemente reinventadas, as rupturas e cisões dos enlaces também são comuns, dialogam com a cisão do próprio sujeito da psicanálise que é dividido e que, como resultado da análise, suporta essa divisão.

Insistir nos **laços e enlaces** é se deixar tocar, desequilibrar, afetar pela fala do outro, criar possibilidades de que o que escutamos nos forme, transforme e deforme. Ao escutar a fala de outro analista não importa tanto o que cada um “pensa sobre o que ouviu, mas como pensa depois de tê-lo ouvido”. (Alain Didier-Weill, pag. 113)

A psicanálise não visa a eliminação de sintomas, não busca o estado de “saúde” ou normalidade que garantiria um utópico estado de felicidade, sem angústias, dúvidas, incompletudes. Diferente disso, a análise leva a suportar a tensão e inventar maneiras de lidar com ela, destinos criativos. Dito isso, uma instituição que funciona de modo psicanalítico precisa também suportar e sustentar algo de tensão, de abertura ao novo.

Ainda, para avançarmos nos conceitos e irmos além dos mestres é necessário que nossas ideias circulem em agrupamentos maiores, na instituição e nos encontros inter-institucionais como jornadas, congressos, encontros com psicanalistas de outras escolas, cidades, países. Ainda, avançando na ideia da formação para além do tripé, proponho o trânsito interinstitucional como um **5 elo**. Deste modo, a formação em psicanálise pode ser pensada para além do tripé, como um nó borromeano de ao menos 4 elos.

Referências Bibliográficas

Didier-Weill, A. (1997) Por um lugar de Insistência. IN : Coutinho Jorge, M.A. (Org.) **Lacan e a Formação do Analista**. Rio de Janeiro: Contra Capa livraria, 2006.

FREUD, S. (1926) A questão da análise leiga. IN : FREUD, S. **Obras Completas**, R.J. : Imago, 1974.

LACAN, J. (1953 - 1954) **O Seminário. Livro I: os escritos técnicos de Freud**. Rio de Janeiro : Zahar Editores, 1975.

Lacan, J. (1967). Proposição de 9 de outubro de 1967. In **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LACAN, J. (1972-1973). **El seminario, libro 20: encore**. (Versión crítica), traducción y notas Ricardo Rodríguez Ponte, para circulación interna de la Escuela Freudiana de Buenos Aires, Buenos Aires, 2001.

LACAN, J. (1973- 1974) **Seminario 21: Les non dupes errent.** (inédito). Tradução de Irene Agoff de Ramos. para circulación interna de la Escuela Freudiana de Buenos Aires, 1976.

LACAN, J. (1974-1975). **El seminário, libro 22: R.S.I.** (Versión crítica), traducción y notas Ricardo Rodriguez Ponte, para circulation interna de la Escuela Freudiana de Buenos Aires, Buenos Aires, 2001.

LACAN, J. (1976-1977). **El seminário, libro 24: L'insu.** (Versión crítica), traducción y notas Ricardo Rodriguez Ponte, para circulation interna de la Escuela Freudiana de Buenos Aires, Buenos Aires, 1988.